Plebeius in Curia

Raimundo Girão

Filha dileta da amizade é a indulgência.

E foi o indulgente sufrágio de meus pares, sem ao menos a ressalva de um **simpliciter**, que me deu a mão e conduziu até a ante-sala desta Casa de Letras, onde, como em sonho, me escontrei, a conjeturar, qual Virgílio em certa parte das "Geórgicas", **si parva licet componere magnis** — "se é dado comparar o humílimo ao gigante", por exemplo, a meticulosa atividade das abelhas aos ferventes labôres dos Ciclopes.

Vi-me pequeno, comparando-me a figuras altaneiras copiadas fielmente naquelas pinturas maravilhosas como se foram de Da Vinci, compondo a galeria daquele salão heràldicamente evocativo, pomposo de espiritualidade, majestoso aqui nos realces da decoração magnìficamente helênica, e ali no primor das côres e dos ressaltos caprichosamente trabalhados.

Dentro no caixilho das molduras do mais fino talhe artístico, lá estavam, em corpo inteiro, na expressão e energia das tintas, aquêles com quem eu vinha ombrear-me, na regência do Sodalício, imponentes no aprumo da postura e na serenidade de suas fisionomias de nobreza comunicante.

Ao receber, na Academia Brasileira de Letras, o lugar quase insubstituível de Joaquim Nabuco, teve Gregório Fonseca estas

palavras: "A Cadeira de Nabuco ! Venho ocupá-la comovido; não, porém, humilhado!".

E digo por mim, a igual do notável soldado estilista: contemplo a galeria dos meus predecessores arrebatado de emoção, porém não comiserado. Porque não quero ceder a complexos que me amesquinhem, antes encorajar-me de imitá-los na mais exigente mobilização de minhas fôrças íntimas e num estado dalma que envolve a imperturbável disposição de corresponder à investidura, muito ultrapassante das minhas faculdades comuns.

TOMÁS POMPEU

Primeiro, descubro o vulto fidalgo de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, aristocrático de estirpe e educação, elegantemente longilíneo no retrato, como o era na pessoa, sempre de escorreito vestir e modos requintados. Exatamente o que foi: doutor, mestre erudito, escritor fecundo, cingindo com a pena incansável variados setores do conhecimento humano — a Geografia, a Economia Política, o Direito Público, a Filosofia e, de particular, os problemas da terra e do homem do Ceará.

Como que a sua personalidade física, moral e mental ressurgia a do pai ilustre — o Senador Pompeu, cérebro altamente dotado, caráter sem curvas nem deflexões — também geógrafo, doutor também, mestre igualmente, autor de compêndios e livros — que lhe fazem vistoso e indestrutível pedestal.

A universalidade do talento do filho como que se derramava em manifestações criadoras, informações científicas as mais valiosas e divulgações necessárias, num amplo serviço de ensinar e oferecer proveito às gerações provincianas, sequiosas da orientação e do aprendizado imprescindíveis às conquistas da vida.

Na imprensa, dirigiam-se os seus artigos para a pregação do idealismo e da sã política, tendo em mira convencer do êrro das futilidades partidárias e do apêgo aos interêsses menos dig-

nos; no Parlamento Geral, em que por três legislaturas nos representou, os seus discursos — discursos do mais mancebo dos deputados — valiam como doutrinação eficiente, guiando a solução das sérias e difíceis questões debatidas; na Cátedra, as suas lições, ao mesmo passo que instruíam, eram vero encanto pela segurança da exposição e da linguagem, assim como pela profundeza e precisão do ensinamento.

Fui seu discípulo para maior alegria e vaidade minha, e ainda me embalam, só em recordá-las, as suas mesmas lições deliciosas e sábias, cativos os ouvidos dos alunos aos lábios do professor, para que se não perdesse um elo sequer do rígido, mas ondulante raciocínio desenvolvido para demonstração plena e satisfatória das teses levantadas.

Tem-se por axiomático haver-se consagrado o pai Senador como a mais completa individualidade do seu tempo, na cultura, na política e na sociedade, mas não sei se êle supera o primogênito homônimo, tal a extensão e verticalidade da sabedoria dêste nos diversos ramos da ciência em que se especializou e tal a aura de consideração, de veneração que o cercava, nos meios culturais e sociais de sua cidade.

Pena é que, desprendendo-se por motivo de convicção monárquica das diligências da vida pública republicana, tenha cometido a falta de retrair-se para o silêncio do seu gabinete e ao trato dos seus negócios econômicos. Todavia, na convivência dos livros, absorveu-se na mais intensa das vidas espirituais, entregue aos estudos pensados, realizando a predestinação atávica, lendo e escrevendo em tôdas as horas, menos aquelas que dedicava às aulas do Liceu, da Escola Militar e, posteriormente, da Faculdade de Direito e aos deveres da organização industrial que dirigia — uma fábrica de tecidos.

Legou, dessa maneira, às nossas letras científicas abundantíssimo e magistral acervo livresco, em parte ainda inédito — tratados, memórias, monografias, relatórios e plaquetas, o que em verdade o promoveu a estrêla de primeiro brilho no vasto firmamento intelectual do Brasil.

Na presidência da Academia Cearense de Letras pontificou

durante 35 anos, tantos quantos decorreram entre a fundação desta, em 1894, e a sua morte em 1929.

ANTÔNIO SALES

O segundo quadro vindo à minha admiração era o de Antônio Sales, o moço **humilde do Paràzinho, a aldeia que as dunas** perversamente soterraram.

"A casa onde eu nasci, no Paràzinho,
Já não existe mais;
Sou no mundo como ave cujo ninho
Desmancharam os rudes temporais".

Porém a avezinha cresceu e voou longe, às alturas maiores como as do olímpico cenáculo do Rio de Janeiro, familiarizada aos deuses da literatura nacional, naqueles derradeiros idos do século passado — Machado de Assis, Sílvio Romero, José Veríssimo, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Lúcio de Mendonça, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, Afonso Celso, Domício da Gama, Belmiro Braga . . .

E se ao lado dêles não se encontrou, encadernado no fardão solene, quando das primícias do Silogeu Brasileiro, é que êle próprio a isto se excusou no momento oportuno, alegando modestamente não julgar-se ao nível daqueles titãs das letras pátrias.

Houve quem definisse a personalidade de Sales como "uma figura gentil", e de feito se mostrava assim, no porte franzino e o semblante, eu direi, sonoro, acolhedor e simples.

Surgindo da pobreza praieira, impregnou-se a sua psique da amenidade dos luares refletidos nas areias brancas, e da visão infinita do mar, deslizante e azul, para, às vêzes, tornar-se áspero e hostil, batido dos ventos, na revolta das ondas.

Daí a delicadeza da sua sensibilidade, a sua finura pessoal que aqui e ali se arrufava em melindres, susceptível a uma palavra ou gesto mal interpretado, talvez pequenas detonações de

alguma vaidade recalcada, ou natural resultante da tenuidade da sua compleição sentimental.

Tal sensibilidade assim mista de susceptibilidade é que teria de plasmar-lhe a existência e a produção intelectual, as suas poesias, os seus romances, as suas crônicas. A êsses atributos aliava a honradez e largueza de coração, que o alçaram ao santuário da estima dos amigos e discípulos.

Cruz Filho percebeu muito ao justo êsse complexo sensitivo do romancista de "Aves de Arribação": "Quem quer que dêle se tenha aproximado terá sentido de certo as radiações de sua efusiva bondade, que se estendia além dos limites do círculo de seus amigos íntimos. O seu braço foi sempre pródigo em amparos, que chegaram até os escritores, principalmente, aos quais o prosador cearense jamais deixou de conceder palavras de estímulo e incitamento".

Coluna compósita no edifício majestoso da intelectualidade do País, situa-o Martinz de Aguiar em segundo lugar, assim na prosa como na poesia cearense, sòmente menor que o burilador de "Iracema" e o vate castiço de "Comédia Angélica". Na sua frase mesma, tem Antônio Sales "papel de relêvo na literatura nacional, onde não apareceu ainda um poeta superior a José Albano, onde não apareceu ainda um romancista superior a José de Alencar".

O seu nome — arremata o nosso mais fundamentado filólogo — o seu nome põe-no a história entre os que mais elevado têm as letras brasileiras.

A timidez de Sales, o seu confessado pavor de pronunciar discursos e de enfrentar os auditórios transformaram-no infelizmente num esquivo, num cético, espécie de escrínio algo ignorado a esconder a sua formosa preparação humanística e literária e a trancar as esplêndidas faculdades do seu intelecto aprimorado. Viveu mais para o lar, para a espôsa, para os lavôres de sua inteligência, que na maioria guardava nas gavetas, para os livros prediletos e os amigos reverenciadores que o visitavam.

POMPEU SOBRINHO

Depois, na galeria honrosa, vejo Pompeu Sobrinho, outro da estirpe dos Pompeus, neto do Senador.

Como o avô e o tio, uma culminância do saber indígena.

Aquela aristocracia de conduta social e pessoal tão bem empertigada, mas sem qualquer afetação, — na indumentária de colarinho inteiro e camisa de peito engomado, essenciais aos outros dois, rompeu-se no descendente para sòmente ficar a distinção das boas maneiras e do caráter, vencida aquela pela espontaneidade da sua índole e naturalidade dos seus hábitos.

Singular, a individualidade dêste terceiro Tomás Pompeu, vacinado contra as atrações mundanas, todo inclinado para os misteres calmos das investigações científicas e as comprovações de laboratório.

A sua erudição passou da mera acumulação ou estratificação das leituras para o campo das interpretações indispensáveis. Para êsse trabalho dificultoso de extrair, do que se lê e observa, deduções e resultados construtivos. Dêsse trabalho diuturno, de experimentação continuada, a que se dedica o cérebro humano para afinal criar, no estudioso, o sábio, o cientista, que não só aprende e reproduz, mas principalmente apreende e produz, predispondo as reações químicas que transformam as observações em precipitados lógicos e sistematizados.

Pompeu Sobrinho — sei que violento a sua modéstia — Pompeu Sobrinho, afeiçoando-se e afazendo-se desde cedo à objetividade da sua carreira de engenharia, logo manifestou o timbre de sua vocação para as indagações da Geografia, da Hidráulica, da Antropologia, da Etnologia e Linguística dos ameríndios, da História e da Sociologia aplicada de modo mais direto aos fatos e ao povo do Nordeste.

E tamanha a sua persistência nas lucubrações dessa ordem, tal a facilidade perceptiva do seu talento, a invulgar capacidade de trabalho e o numeroso da sua bibliografia, que acabou sendo o que agora é: sem nenhum favor, a mais consistente cerebração,

a mais abalisada cultura do nosso Estado, senão do norte do Brasil.

Não estou incensando uma personalidade, e, sim, proclamando uma justiça.

Assim meio esquivo, modesto demais, refratário às ostentações, graças a Deus não deixou, entretanto, que essas negativas sobrepujassem as positividades de sua obra de ciência e sociologia de enorme amplitude, fonte exuberante e obrigatória onde teremos de beber quantos queiramos conhecer mais realmente as causas e os efeitos que engendram a trama dos problemas da região nordestina.

Os seus trabalhos de coleta e documentação, semelhantemente aos de Studart nos domínios da História, não saem nem podem sair das mãos dêsses estudiosos e se oferecem quais amplas e claras avenidas que os conduzirão a metas excelentes.

Em idade pode dizer-se provecta, a sua cabeça privilegiada pensa e constrói como pensava e construía na fase de plena maturidade, trazendo para o mundo do pensamento preciosíssimas achegas e afirmações.

DOLOR BARREIRA

A tela seguinte ante os meus olhos é a de Dolor Barreira, o professor de Direito com as armaduras de jurisconsulto.

Um temperamental que procura e consegue, em grande parte, superar a intimidade nervosa.

Homem dos livros, devorador de livros, existe para os livros e também faz livros. A advocacia militante deu muitos asos a que mostrasse o poder de sua erudição específica, denunciada nos trabalhos forenses e nos pareceres acatados, fragmentos apenas do maciço da sua aptidão doutoral.

As recusas do seu psiquismo fortemente emocional, porventura um introvertido, sem reações fáceis às vibrações mais francas das alegrias, qual um véu de fumaça põem em luz difusa a pujança da sua inteligência e o granítico dos seus conheci-

mentos dos clássicos, das Humanidades, da Literatura e da Filosofia.

Felizmente, estímulos amigos têm podido acender-lhe o ânimo e dêle obter o milagre de um arrôjo, termômetro pelo qual é possível aferir o farto potencial que se está concretizando vantajosamente.

"História da Literatura Cearense" é o belo produto dessa quebra na casca da misantropia doloreana e coloca o autor na qualidade de maior dos historiadores de nossas belas letras, emparelhado a Sílvio Romero, atentos apenas os limites extensionais das respectivas áreas de apreciação.

MÁRIO LINHARES

Eis-me, agora, defronte do último retrato — o de Mário Linhares.

Como Antônio Sales, outra figura gentil, "alma sonora, musical, afinada a todos os sopros, como harpa eólia".

Espiritualizada e espiritualizante. Borboleta da arte literária a pousar suave de flor em flor, em manhãs de perfume. Idênticamente, ungido dos cheirosos óleos da bondade e da mansidão de tratamento. Como Antônio Sales, fazedor de versos desde adolescente, caixeiro de loja, metrificando-os às escondidas do patrão materializado.

Não cedo ao impulso de reproduzir a resposta por êle dada à pergunta: — "o seu nome?", numa entrevista de jornal:

"Oficialmente, Mário Rômulo Linhares. Murilo Mota teve, certa vez, a paciência de verificar que sou o escritor cearense que mais tem abusado de pseudônimos. Lembro aqui uma dúzia — Gil Vaz, Gervásio Botelho, Gomes Pacheco, Jacques Amyot, Flávio de Lisle, Ponciano Ribas, Max Linder, Tomás Caminha, Laura Viterbo, Carmen Floresta, Ivone Pimentel e Dolores Beviláqua. Antigamente, havia grande prevenção contra os poetas. Ser poeta era ser boêmio, criatura sem cotação social. Para a chamada classe burguesa não havia lugar para os contemplativos. A Poesia era o anátema cruel. Felizmente

o estulto preconceito já passou. Quantas vêzes espiei a culpa de fazer versos! Daí o meu despistamento quando identificado, para não prejudicar as minhas funções caixeirais ou burocratas. Depois, quando me ajustei na vida, firmei-me em Mário Linhares, como está nos livros".

Poeta de nascença, predestinadamente poeta, há enchido de poesia e de poesias a sua triunfante biotrajetória. Porque tudo o que escreve, mesmo em prosa, reveste jeito poético, tal o rendado filigrânico da frase e da vocabulação.

Múcio Leão disse de Mário que êle usa sapatos de lã, para passar na vida sem que os outros se apercebam muito da sua existência.

Com efeito, não fere nem magoa, sempre compreensivo e bom. Parece que o tique de sua leve dislalia é recurso para medir as palavras e não ofender.

Mário Linhares guindou-se vitoriosamente a luminar das letras brasileiras. Projetado na Capital da República, é lá um consultor literário de renome. Poeta, crítico, historiador de literatura e genealogista versado. Membro da Academia Carioca de Letras e da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Devia achar-se aqui, a fim de passar-me a chave da ante-sala da galeria, porém a doença não quis. Garanto, todavia, que o seu espírito e a sua amizade adejam por êsses espaços desta noite, na mesma ubiquidade miraculosa de Santo Antônio, a um só tempo em Pádua e em Lisboa, tanto o amor que êle devota às flôres e trevos do nosso querido jardim de Academo.

Tem sido objeto de controvérsia assinalar em que época principiou a existir a literatura cearense ou, melhor, a nossa atividade literária.

Teria sido em 1813, com os outeiros do Governador Inácio de Sampaio, tertúlias efetuadas no palácio do govêrno, assistindo como participantes os homens mais letrados da capital, então vilarejo de duas mil almas. Teria sido em 1824, com a publicação do primeiro jornal — o "Diário do Govêrno", redigido pelo Padre Mororó, ou em 1856, com a edição de "Prelúdios Poéticos", no Rio de Janeiro, o livro de estréia de Juvenal Galeno. Ou,

ainda, com a visita de Gonçalves Dias, em 1859, como um dos componentes da chamada "Comissão Científica".

Outros preferem que em 1872, início do irrequieto movimento de jovens que, abrindo sessões ora na casa de um, ora na de outro, discutiam literatura, ciência e filosofia, daí saindo o que, por simples gracejo, se denominou **academia francesa** e terminou respeitado e conhecido por esta designação.

Não há de ser êste o momento para matar as dúvidas. Mas estou em que o gôsto pelos assuntos literários, estimulado pela criação do Liceu em 1845 e mais logo pela do "Ateneu Cearense" dos irmãos Costa Mendes, em 1863, efetivamente se acentuou mais definido com os **acadêmicos franceses,** alguns dêles ex-alunos do Ateneu, onde se seguia, quase à risca, a renovadora orientação pedagógica do célebre Ginásio Baiano, do também célebre educador Barão de Macaúbas.

Dos **outeiros** de 1813 nada na realidade ficou de duradoiro. Singelo episódio no curso da nossa evolução histórica, ainda na fase colonial, sepultou-se no esquecimento com a retirada de Sampaio, embora haja deixado êste o muito significativo exemplo do interêsse de um governante pelas coisas da intelectualidade, sem dano para as conveniências de Estado; exemplo que jamais foi repetido até a presidência, em 1888-89, do paulista Caio Prado, que soube abrir as portas governamentais aos letrados e estudiosos, mantendo com êles estreito contacto, prestigiando-os com a sua afeição e os seus incitamentos.

O **rush** luminoso provocado por aquêles **acadêmicos** teve o mérito de beliscar a epiderme do lerdo conservantismo da cidade, bem assim o de fomentar debates sôbre temas de excitante atualidade, de cunho filosófico, ou estritamente beletrístico ou científico. O que chegava de França, de Lisboa ou do Recife, portador de teorias avançadas, ou escolas inovadoras, era lido àvidamente e as leituras geravam comentários e críticas de pronunciado sabor competitivo, cada qual a dar o pano de seus conhecimentos e das suas exegeses.

Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico de Faria, Antônio José de Melo

e Raimundo Antônio da Rocha Lima foram os chamarizes da plêiade entusiástica. O último, Rocha Lima, demorando-se, não havia muito, na capital pernambucana embriagou-se das idéias negativistas ali dominantes e trouxe-as ainda ebulientas, contaminando o grupo destemido.

A aceitação e aberta divulgação de tais idéias, exacerbadas pela agitação decorrente da questão religiosa, acirrada luta entre maçonaria e clero, espantaram até quase o escândalo e influenciaram vivamente na elaboração cultural cearense, assim como na evolução cívica e política.

Em 1875, o movimento parou como pára um coração, falecidos Rocha Lima e Xilderico e saídos os outros para o Sul, em busca de mais horizontes; porém um dêles guardaria o fogo sagrado — Tomás Pompeu, tido por Farias Brito como o "pai espiritual daquela geração de pensadores", que seria a concentrada semente da qual em 1894 teria de nascer a Academia Cearense, esta que é a nossa.

Outros agrupamentos de fins culturais se formaram após o desaparecimento da Academia Francesa: o Gabinete de Leitura de 1875, o Clube Literário de 1886, o Instituto do Ceará de 1887.

De 1892 é a Padaria Espiritual, que rebenta, explode como bomba. Aventura de alguns rapazes freqüentadores do Café Java, da Praça do Ferreira, capitaneados por Antônio Sales e desassombrados de preconceitos, que imaginaram uma sociedade de contextura inédita, diferente de quaisquer outras conhecidas, a começar pelo título e pelos estatutos que são, na verdade, um código de chalaças. Dizia-se "sociedade de rapazes de Letras e Artes", mas sôbre ser abundante naquelas, destas só dois se associaram — Luís Sá, desenhista, com o criptônimo de Corregio del Sarto, e Henrique Jorge, o "Embaixador da Música", com o de Sarasate Mirim.

As correrias e celeumas dos padeiros inquietaram. Não raramente, iam além do suportável, porém tem-se de reconhecer que muitos doirados frutos delas colheram as letras brasileiras.

Uma das características da Padaria, no entanto, era a sa-

nha do seu exclusivismo. Nada, — que não cheirasse ao pão da sua fábrica. Quem não estivesse no **forno** estava contra o **forno. — Aut Cesar, aut nihil.**

Tamanho sensacionalismo, por certo, não podia satisfazer os excluídos, os que não comungavam aquêle trigo demasiadamente fermentado. A inteligência da terra poderia dar muito mais do que aquilo, e não devia ser medida, lá fora, só por semelhante amostra.

E diante dêsse buliçoso e incoerente panorama, Pompeu já menos radical, Studart, Pedro de Queirós, Farias Brito, Raimundo Arruda, Waldemiro Cavalcante, Francisco Alves de Lima, Franco Rabelo, Padre Valdivino Nogueira, José Carlos Júnior, Antônio Bezerra, Antônio Augusto, José de Bacelos, Justiniano de Serpa e vários outros, de juízo mais assentado, houveram por bem agremiar-se numa associação de métodos mais sensatos e fins bem menos subjetivos, na qual se analisassem as doutrinas e questões através de mais cristalinos prismas, acompanhando o movimento intelectual e científico dos povos cultos, e, concomitantemente, se pudesse alargar a esfera da instrução superior e secundária do Ceará. Que se fomentasse o amor às artes e à literatura e, quanto à instrução primária, mister seria levantar-lhe o nível, chamada a atenção dos poderes estatais para os problemas da Educação, da Pedagogia e dos programas escolares.

Com essas bases de prudentes intenções e aprêço ao substancial e ao humano, corajosamente fundou-se em 15 de agôsto de 1894 a Academia Cearense, confiada sem demora à presidência a Tomás Pompeu. Para registo de seus fastos e de suas publicações, foi criada a "Revista da Academia".

Qual último abencerragem, trazia Pompeu para o novo concêrto de inteligências aquêle cintilante espírito crítico que inspirara o movimento de 1872-75, de especulações criteriosas, desdenhando as afirmações de superfície ou a insulsa repetição de idéias conhecidas e surradas. Aquêle mesmo espírito de apurada honestidade científica, que tão admiràvelmente moldou os processos investigativos de Capistrano na História, de Farias

Brito na Filosofia e de Rocha Lima e Araripe Júnior na Crítica, e estabeleceu a dicotomia ou separação entre a paciente cata das minúcias para as sínteses verdadeiras e o imaginativo preguiçosamente satisfeito com as conclusões rasteiras, sem raízes pivotantes, ou transportado aos planos da imaginação, ao luminescente império do ficcionismo.

Enquanto outros agrupamentos iam surgindo e morrendo, viveu a Academia, ao lado do Instituto do Ceará, as suas glórias e na sua Revista acumularam-se trabalhos de apurado valimento. Mas ao belo templo hipostílico vieram faltando as colunas, que a morte e a ausência desgraçadamente derruiu.

E foi preciso que soldado da guarda antiga, distante tantos anos, remigrasse à gleba para injetar calor e vida na alma esfriada dos poucos remanescentes da velha parceria.

Justiniano de Serpa, orador da Academia tanto tempo quanto permaneceu no Ceará, voltou com êsse desígnio — o de Caio Mecenas, o impressionante ministro de Augusto que a história de Roma e do mundo há de relembrar, até os séculos, como zeloso patrono das letras e artes, o que vale dizer: defensor pontual dos homens da ciência e saber, contra isto que muito adequadamente Francisco Alves de Andrade qualificou de "marginalização progressiva dos que estudam, se rebelam e sonham!"

Homem político, de ação agitada nos cargos e na tribuna dos Parlamentos, não perdera Serpa a diretriz do homem espiritual. Tanto dava normas às suas realizações administrativas, como aconchegava no seu palácio os marginais sonhadores e os retemperava com o sôpro vivificante da sua amizade e munificência. Se de um lado tratava de reformar a instrução primária, ainda bem recordado de um daqueles itens dos estatutos do seu venerando Silogeu, do outro cuidava de incutir neste novas disposiçõs e elasticidades.

Refloresceu a Academia Cearense na exuberância das suas tradições, porém o falecimento de Serpa, de tão desalentador e inesperado, trouxe-lhe outra vez o torpor, de que só veio reanimar-se com Matos Peixoto, em 1930, outro Mecenas, outro Cardeal de Richelieu, patrocinador que, descido da curul aos gol-

pes de uma revolução, soube mais tarde aureolar-se de sábio, ouvido como autoridade, para honra do seu Estado e dos seus coestaduanos, nos pináculos da Juridicidade brasileira, reabilitando, dêste vitorioso modo, o nome que as miseráveis contingências da politiquice insidiosamente ensaiaram de manchar.

E agora a Casa das Belas Letras trabalha animadamente na concretização dos seus intuitos, conquanto desajudada de todo, prêsa ainda na sua linha de marginal que estuda e sonha.

Ela se persuade de que neste delicado momento histórico brasileiro, no qual imprime o seu cunho férreo o pragmatismo do século, rasgando os últimos pedaços da fantasia, cegas as mentes no mais desenvôlto dos sibaritismos, necessàriamente há de ter espaço, lugar ao sol para os que sabem resistir à onda de lama e, felizes, se alegram de sons, não os do metal das moedas ganhas a qualquer modo, mas de vibrações que venham salutarmente renovar, na própria essência, a alma do homem, como obra mais perfeita da oniciência de Deus.

E não se queira descobrir — não absolutamente! — em nossa ilustre Companhia qualquer caduco espírito de velhas Academias decaídas das suas exatas funções sociais e caídas frouxamente nos êxtases de uma literatice de recitativos e discursos vazios, — senão uma sinergia que se avigora em busca de objetivações que signifiquem relevante contribuição para obter-se o verdadeiro equilíbrio e o sadio sentido do bem-estar e felicidade de nossa terra.

Já é, pois, ocasião de não mais pôr em remissa o amparo e proteção que a Lei Magna do País promete, em letra morta, às entidades culturais. Essa proteção é inerente à concepção do Estado Moderno como um dever e nunca uma prodigalidade.

Cada dia mais se fortifica o Ceará nos passos do seu progresso material, tendo como assegurado o seu avigoramento econômico nos futuros cabos da eletrificação vinda de Paulo Afonso, e não pode mais sonegar-se ao alargamento de sua Inteligência, tão expressivamente credenciada nos grandes centros do Sul.

Façamos também a salvadora eletrificação da nossa Cultura, abertos os corações aos influxos dessa exigência imperiosa

de um povo sempre forte, que nunca se deixou molemente ficar inerte diante do arrastão das grandes campanhas e conquistas nacionais.

A hora é de largueza e ousadia nas visadas e de compreensões lúcidas. A marcha para avante não pode deixar de aproveitar fôrças que lhe chegam favoràvelmente.

A recente criação da Universidade do Ceará e a sua já vitoriosa consolidação, descerrando cortinas, resultado da obstinação e capacidade realizadora de um dos membros desta Academia — o Professor Martins Filho, como que está gritando pelas prestimosidades do Govêrno, cujas rédeas executivas um homem de pensamento detém — o Dr. Paulo Sarasate, que já exercitou a cotidianidade vigilante do jornalismo, dirigiu colégios e honrou as funções de Fiscal da nossa Faculdade de Direito, acostumando, portanto, o seu brilhante espírito e o seu caráter ao clima de entusiasmo das lídimas reivindicações e dos nobres ideais; e na Câmara Alta, como deputado de ação profícua, pôs de parte os palavrórios e voltou os seus cuidados para os interêsses do povo, para as preocupações mais proveitosas, procurando carrear auxílios e ajudas aos institutos de ensino e para os centros de estudos.

Chegou a vez de, harmonizados êsses dois fatôres em ajustada convergência, dar sistema e homogeneidade ao que anda por aí disperso e esquecido, referentemente às atividades culturais, entidades e grêmios que trabalham, anos a fio, preparando, a despeito de tudo, o lastro, o alicerce sôbre que demora a suntuosa igreja do nosso culto à deusa resplandente da Sabedoria.

A nossa Academia, com as seis décadas e mais da sua trajetória, carrega, por entre essa dispersão, pêso de tarefa que representará para o nosso Estado inestimáveis benefícios — a obrigação, que se impôs, de elaborar a **Enciclopédia Cearense.**

Pela sua amplitude e natureza, esta Enciclopédia será obra de proporção monumental. Monumental mas não temerosa, afirma conscientemente o seu ideador e estruturador — o Acadêmico Pompeu **Sobrinho.** Perfeitamente dentro das nossas

possibilidades materiais e culturais e não uma idealização fantasiosa.

Será o Grande Dicionário do Ceará, em todos os seus múltiplos aspectos — histórico, geográfico, econômico, político, social, religioso, etnológico, linguístico, folclórico, literário, artístico, militar, biográfico, bibliográfico, abrangendo material para inúmeros volumes, atenta a meticulosa colheita dos verbetes e a extensão dos respectivos desenvolvimentos e ilustrações. "Um trabalho completo, ou tanto quanto possível completo, de de tôdas as manifestações da Natureza e do Homem em terras do Ceará e de suas relações com cousas e homens cearenses".

A Diretoria, que hoje solenemente se empossa, fará — só se Deus não quiser — por onde se corporalize o notável empreendimento, pondo em função tôdas as suas virtualidades e exigindo dos Acadêmicos a cooperação necessária. Quer valer-se das perspectivas que se lhe descortinam neste período de renascença o qual se abre promissoramente, em ritmo de alvorada, para esta gleba de resistência e heroísmo.

A vontade é a alma da obra, não resta dúvida, e dizia Camilo, o coitado e inexcedível escritor de "Amor de Perdição", que a vontade enérgica é uma esperança meio realizada.

E nós a possuímos — a enérgica vontade de vencer.